

Núcleo de Educação Popular 13 de Maio - São Paulo, SP  
**CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA**

EDIÇÃO 1293/1294 – Ano 30; 4ª Semana Abril 1ª de Maio 2016.

**Breaking Bad** (Temp. 1 Ep. 6). **EUA: fortes indícios de iminente derrocada econômica.** JOSÉ MARTINS

Convoque seu Buda, a chapa está quente. Irresistível desaceleração da **produtividade** (produção por hora) da força de trabalho nas empresas da economia norte-americana, no 1º trimestre de 2016. É o que nos relata o *Bureau of Labor Statistics* (BLS), do Departamento do Trabalho dos EUA, nesta quarta-feira (4/Maio). A contradição básica do processo na forma de incontrolável desvalorização do capital. Concretamente falando: aumento do **custo unitário do trabalho**, de um lado; queda fulminante do **lucro unitário das empresas**, de outro. Existe combinação mais explosiva que essa efervescente química do capital? É o que acontece neste ano na economia de ponta do sistema. Grávida de nova e muito mais potente crise do que a de 2008/2009.

Vejamos as principais observações dos economistas do BLS. A queda anualizada da **produtividade** de 1% no 1º trimestre de 2016 frente ao trimestre anterior resultou do crescimento de 0.4% da **produção** e de 1.5% nas **horas trabalhadas**. Do 1º trimestre de 2015 ao 1º trimestre de 2016, a **produtividade** (ou taxa de exploração da força de trabalho) elevou-se em apenas 0.6%. Ela é calculada pelo BLS como a divisão do índice da **produção** pelo índice das **horas trabalhadas** por todas as pessoas.

O **custo unitário do trabalho** nas empresas não agrícolas aumentou 4.1% no 1º trimestre de 2016, refletindo elevação de 3.0% na **massa salarial** e aquele declínio de 1% da **produtividade**. O **custo unitário do trabalho** elevou-se em 2.3% sobre os últimos quatro trimestres. Essa variável representa grosseiramente o **salário relativo** de Ricardo, Marx, etc., expressão mais aproximada do *valor da força de trabalho*. O BLS calcula o **custo unitário do trabalho** relacionando a **massa salarial horária real** com a **produtividade**. Assim, aumento na **massa salarial horária** tende a aumentar o **custo unitário do trabalho**, e aumento na **produtividade** (ou **produção por hora**) tende a reduzi-lo. Foi o que ocorreu no atual período de expansão iniciado no 2º trimestre de 2009. Vejamos outras variáveis endógenas do processo de produção capitalista. Observamos no período 2009/2016 que os ramos produtores de **bens de consumo duráveis** (núcleo regulador da economia) apresentaram o seguinte desempenho:

**Produção:** aumento de 35.7 pontos percentuais.

**Produção por hora:** aumento de 23.2 pontos.

**Horas trabalhadas:** aumento de 10.1 pontos.

**Massa salarial real:** diminuição de 0.7 ponto.

**Custo unitário do trabalho:** diminuição de 10.7 pontos.

Estes números indicam um quadro industrial de elevadíssima produtividade da força de trabalho, dificilmente encontrada em outras economias do sistema. Uma massa relativamente decrescente de trabalhadores produz massas gigantescamente crescentes de **mercadoria-capital**. Confirmando regra geral, na dinâmica do ciclo atual observa-se também um ímpeto claramente mais elevado da **produção** e da **produtividade** nos primeiros anos do período. Veremos em outra oportunidade como isso se apresenta como elevações de investimento em **capital fixo** recordes nos últimos setenta anos. Seguindo a mesma regra geral da dinâmica e das flutuações econômicas, os números do BLS mostram também uma descontinuidade, uma contínua desaceleração das taxas anuais a partir de 2013/2014. O **custo unitário do trabalho**, por exemplo, diminuiu continuamente até 2013, demonstrando uma elevação da **taxa de mais-valia** até aquele ano. Embora não seja uma medida exata, essa variável é importante porque indica a tendência, apenas a tendência, da **taxa de mais-valia** no decorrer do ciclo. Já é muita coisa. No 4º trimestre de 2013 o **custo unitário do trabalho** apresentava uma queda de 14.2 pontos, o piso inferior do ciclo. Refletia elevação máxima alcançada da **taxa de mais-valia**. Entretanto, o **custo unitário do trabalho** inicia movimento de forte elevação a partir do 1º trimestre de 2014, sem nenhum sinal que esta tendência possa ser revertida. No 1º trimestre/2016, como vemos no quadro acima, a queda do **custo unitário do trabalho** havia desacelerado para 10.7 pontos frente a 2009.

O desenvolvimento das forças produtivas sociais defronta-se com as estreitas relações sociais de produção do capital. Esse processo de queda da **taxa de mais-valia** e desvalorização do capital, insistimos, não pode mais ser revertido no presente ciclo. Quanto mais avança, pior fica. Não existe política econômica no mundo que possa alterar esse processo de desvalorização do capital depois de iniciado. A intervenção exógena da política econômica tem outra importância na dinâmica do ciclo. Diz respeito apenas aos juros, à demanda e a circulação das mercadorias. Não temos tempo para tratar desse assunto agora. Basta salientar que a política econômica (apoiada em sua popular disciplina “macroeconomia”) jamais substitui a luta de classes na definição de recuperação ou de derrocada da economia global no encerramento de determinado ciclo periódico de expansão e superprodução de capital. Para se estudar as flutuações econômicas e monetárias o lucro é essencial, o juro é acessório.

O movimento acima observado da produção social e da produtividade da força de trabalho impacta diretamente os preços de produção (deflação) e, portanto, os **lucros unitários** das empresas. A determinação dos fatores endógenos é o mais importante a ser observado na atual evolução cíclica e periódica do capital. A dinâmica social, a despeito da autonomia relativa da política burguesa, é que determina a dinâmica geral da economia. Como “lei de bronze”. Enquadra, finalmente, a previsibilidade da crise periódica, quer dizer, a data e a forma da próxima crise. Como neste início do terceiro trimestre do ano, em que a queda da **taxa de mais-valia** acende o sinal vermelho para forte e mais acentuada queda da **taxa de lucro**, como podemos depreender de outros dados também publicados no relatório do BLS nesta semana.

Neste sentido de uma grande explosão periódica do sistema, e mesmo sem uma completa consciência deste fato, os economistas do BLS calculam que a produtividade do **setor de empresas não financeiras** caiu 2.2% no 4º trimestre de 2015 e diminuiu 0.5% sobre os últimos quatro trimestres. A **produtividade anual média** elevou-se em 0.8% no período de 2014 a 2015. **Lucros unitários** das **empresas não financeiras** caíram 35.7% no 4º trimestre de 2015. É a maior queda trimestral desde o declínio de 41.8% no 4º trimestre de 2008, quando a economia norte-americana entrou efetivamente no mais recente período de crise. Os **lucros unitários das empresas** desabaram 15.2% sobre os últimos quatro trimestres, consistindo no maior declínio em quatro trimestres seguidos, desde o de 15.8% ocorrido no 3º trimestre de 2009. Os economistas não apresentam nenhuma avaliação sobre a perspectiva catastrófica destes fatos

Uma grande crise de **superprodução de capital** apresenta-se inicialmente ao grande público como uma crise financeira e de grandes quebras no mercado de capitais (ações, bônus e outros títulos de propriedade do capital). Como uma temporada de grande queima de valor-capital. Só depois se manifestará como a derrocada da chamada “economia real”. É por isso que não se pode descartar fortes turbulências no sistema bancário e nas bolsas de valores mundiais no decorrer dos próximos meses. Correções de preços muitas vezes mais pesadas e definitivas, como já afirmamos no boletim anterior, que as já ocorridas no mês de Janeiro passado.

Continuaremos monitorando o desenrolar desse processo capitalista. Quanto mais avança pior fica.